

## O PROBLEMA DA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DOS TOPÔNIMOS E ANTROPÔNIMOS NO *LIVRO DE DEDE KORKUT*

Marco Syrayama de Pinto  
Universidade de São Paulo  
depintouk@yahoo.com

[Recibido 18/03/09: aceptado 01/09/09]

Neste breve artigo discorrerei sobre alguns aspectos práticos que deparei ao traduzir o *Livro de Dede Korkut* do turco para o português. Tratarei das escolhas feitas por mim para salvaguardar aspectos que se perderiam na tradução, especialmente no tocante aos topônimos e antropônimos que ocorrem na obra.

### 1. O *Destan*: um gênero tipicamente turco

O épico, ou *destan* em turco, é um gênero que remonta à tradição oral de séculos atrás de vários povos túrquicos que viviam desde os confins da Ásia, na atual Mongólia até ao oeste da Ásia, na Anatólia, atual Turquia. *Destan* é uma palavra originalmente persa, *dāstān*, «lenda, conto», mas sua denominação varia de acordo com a região (*jir*, *ir*, *chorchok*). Este típico gênero literário equivale a histórias orais de cunho épico que narram os feitos heróicos de algum guerreiro célebre, um rei ou um amante famoso ou de alguma vitória ou catástrofe narradas por um bardo, chamado de *ozan*, e acompanhadas de alaúde de braços longos, antigamente chamado *kopuz*, hoje em dia conhecido como *saz*. Os *destans* são narrados há séculos e serve como um vínculo de orgulho étnico entre as gerações, além de preservar a história de seus costumes, história e sistema de valores. Cada povo turco possui um épico representativo de suas raízes, dentre os quais podemos citar *Köroğlu* («filho do cego») dos azeris, *Manas* dos quirguizes, *Alpamiş* dos uzbeques. Mais de mil épicos já foram coletados dentre os mongóis e os povos turcos, principalmente por estudiosos não-turcos (Rinchidorji 2001, Paksoy 1995). Somente no Azerbaidjão, há mais de cem *destans* executados ainda nos dias de hoje em performances que normalmente duram de dez a quinze dias. Nos dias atuais, contudo, os *destans* foram suplantados a partir do séc. XVI pelos *hikâyes* (lit. «história»), ou longas narrativas em prosa com alguns trechos

em forma de poesia, narrados pelos poetas-músicos chamados *âşık* (de uma palavra árabe que significa «amante»).

## **2. Problemas específicos da tradução do turco para o português**

O fato de traduzir uma obra clássica, tão representativa dos turcos, agravado pelo fato de não haver nenhuma outra obra publicada no Brasil até então traduzida diretamente do turco moderno, quanto mais do turco arcaico, impôs sobre mim uma tarefa deveras difícil. Contudo, apesar de a obra em questão ter sido apresentada ao Ocidente relativamente em tempos recentes (séc. XIX), especialmente quando se tem como base outros épicos bem conhecidos pelos leitores ocidentais, como a Odisseia, etc., já se fizeram bastantes traduções para diversas línguas (indo)-européias, tais como italiano, holandês, russo, italiano, inglês, francês, alemão, persa, entre outras. Isso sem mencionar as inúmeras edições produzidas na própria Turquia, para vários públicos, em versões simplificadas destinadas a crianças, fieis aos manuscritos originais com glossário ao fim do livro e «modernizadas», ou seja, traduzidas para o turco moderno. Em se tratando de uma obra de tamanho peso literário, não somente para os povos túrquicos, para os quais é motivo de orgulho, mas também como herança literária da humanidade, inúmeros estudiosos turcos e, em menor escala, estrangeiros, dedicaram-se com afinco a preencher lacunas, que não eram poucas, que permaneceram desde que tal obra fora desvendada através de traduções. É bem verdade que ainda existem perguntas que não encontraram (ainda?) respostas no tocante a vários aspectos da dita obra, mas o esforço conjunto de dois turcólogos, um dos quais o turco Semih Tezcan, e o outro um holandês Hendrik Boeschoten, culminou com a recente edição, que na verdade é uma transcrição fiel do que até então permanecia raridade, ou seja, os dois manuscritos, a saber, o de Dresden e o do Vaticano, como são geralmente conhecidos, além de contar com a correção de inúmeros erros de cópia oriundos de várias fontes. Tal obra, *Dede Korkut Oğuznameleri*, publicada em 2001, conta com um aparato crítico publicado separadamente, o *Dede Korkut Oğuznameleri Üzerine Notlar* (2001) que rendeu nada menos que 424 páginas de notas explicativas de vários gêneros, tais como etimológicas, históricas, filológicas, etc. Baseei-me nas duas aludidas obras que para a tradução do épico turco, a primeira das quais contém o texto a ser traduzido em si, e da segunda me servi para esclarecer pontos até então duvidosos de tradução, além de enriquecer sobremaneira a tradução filologicamente com o acréscimo de inúmeras notas de rodapé, para o leitor que deseja se inteirar mais do processo de tradução.

### **2.1. A toponímia**

Uma questão especialmente espinhosa foi a tradução dos diversos topônimos presentes na obra. Desses topônimos, há vários que, apesar da tentativa de estudiosos de localizar com precisão seu equivalente

atual, nem sempre obtiveram êxito. Tanto quanto possível, apresentei uma transcrição do topônimo em si, quando este não possui equivalente moderno, e, se disponível, explanei em notas mais detalhes a respeito. Um exemplo notável é o misterioso topônimo presente no conto do gigante Depegöz (ou, modernamente, *Tepegöz*) *Şalahâne* que, além de não ser identificável com precisão, pode remeter a dois referentes distintos: no dialeto de Trebizonda da época, significa «fora do caminho, inesperado, vagabundo», segundo afirma o orientalista italiano Ettore Rossi e tradutor do *Dede Korkut* para o italiano (Ettore 1952). Contudo, tal palavra se assemelha com o vocábulo persa *salhhâne* «abatedouro de ovelhas», indicativo, talvez, de um jogo de palavras, visto que foi nesse local, morada do gigante Depegöz, no qual este capturou o herói Basat e ameaçou devorá-lo. Assim como em outros casos, deparei-me com duas escolhas, das quais, visto o presente estado de ciência, tive de escolher obviamente uma, deixando o leitor ciente numa nota-de-rodapé de que tal não era a única possibilidade de tradução, como no caso de «rio escuro» que traduz a expressão *ķara deniz* na história de Kazan, a qual poderia tanto se referir a um rio escuro qualquer ou quanto ao mar Negro, visto que a palavra *deniz* (em turco moderno *deniz*) significava tanto «mar» quanto «rio» (*ırmak*).

Um outro caso duvidoso de topônimo é o que ocorre nessa mesma história, a saber, a origem de Basat: *Gün Ortatch*. Segundo Tezcan (p.315-16), há três possibilidades de tradução desta palavra: pode ser um topônimo propriamente dito, significar «sul» ou «leste». Em turco orkhon, *kün ortusi* ou *kün ortu* significavam «sul». Por outro lado, há a palavra *günorta*, atestada em azeri e turcomeno com o significado de «meio-dia» (cf. em italiano «Il Mezzogiorno»), e também em turcomeno a palavra *günortān*, «sul».

Um outro método que utilizei foi o de usar o nome atual quando tal é dotado de equivalente moderno e conhecido, como no exemplo de Istambul, Trebizonda, Meca e Geórgia. Em outros casos, mais duvidosos, é possível que se trate tanto de um acidente geográfico conhecido na época quanto de um nome genérico qualquer, sem remeter a algum lugar em específico, como *ķara ıtağ* que em determinadas passagens poder-se-ia deduzir que se refira a um topônimo específico, como no prólogo, composto de máximas morais em forma de verso declamadas pelo próprio Dede Korkut, das quais uma é: «*Mesmo que um jovem acumule riquezas, semelhando a Montanha Negra...*», que traduz *bir yigidiñ ķara ıtağ yumrısınca mālī olsa...*, cujo contexto deixa claro, pela falta do pronome indefinido *bir* «um, uma» junto a *ķara ıtağ* que não se trata de uma montanha qualquer. O mesmo ocorre na história de Boğatch Cã, filho de Dirsé Cã, quando os quarenta guerreiros de Dirsé, tentando caluniar seu filho, dizem que o rumor de suas supostas malfetorias «escalará a (montanha) Ala ıtağ» (*Ala ıtağdan teber aşıa..*). Embora sua localização permaneça incerta, Ettore Rossi, orientalista italiano que descobriu e traduziu pela primeira vez o manuscrito do Vaticano para uma língua ocidental,

presume que se trate do monte Aladağ, que se situa na parte oriental dos montes Tauros, na província de Adana, no sul da Turquia. A equivalência dos nomes (*tağ* > *dağ*, em turco moderno) já é um indício de que tal seja muito provável.

## 2.2. Antropônimos

Embora nem todos os nomes em português sejam imediatamente semanticamente transparentes, ou porque o nome imposto à pessoa fora simplesmente inventado, caso este especialmente comum no Brasil, ou porque tal nome, ainda que originalmente dotado de significado, este veio a se perder com o passar do tempo, tal não ocorre em muitas outras línguas, das quais o turco é um exemplo vivo. Anteriormente à conversão em massa dos turcos ao islã no século XI, os nomes adotados pelos turcos eram em sua grande maioria derivados do léxico do próprio idioma turco. Havia várias categorias, nas quais não me deterei neste estudo, mas exemplos podem ser dados através de nomes como *Kabanbay* «javali», *Çoçkabay* «(nem mesmo) o cachorro pega» que dão indícios da crença dos turcos pré-islâmicos, ou seja, o que se costuma denominar por xamanismo (Duman 2004). O que quero dizer com isso é que esses nomes eram quase em sua totalidade transparentes aos turcófonos, fato este bastante presente também no *Livro de Dede Korkut* (com a possível exceção dos nomes islâmicos que provinham do árabe). Tal fato não poderia ser tratado descuidadamente por parte do tradutor, tendo em vista que a audiência, a quem tais contos eram dirigidos e narrados, obtinha um imediato entendimento dos nomes, não raro criados a partir de um jogo de palavras de acordo com o enredo da história em questão.

Para efeito de ilustração, mencionemos o inglês, que possui um inventário de sobrenomes dotados de significado transparente, tais como *Smith* «ferreiro», *Fletcher* «flecheiro», *Shepherd* «pastor», entre outros. Contudo, tais nomes não devem ser convertidos em uma tradução de obra literária, o mesmo ocorrendo no caso de tradução de nomes turcos. Porém, há situações que fazem diferença para que o leitor note o jogo de palavras que o narrador pretendeu expressar à sua platéia, com vários propósitos em mente. Citemos o caso da personagem *Ters Uzamiş*, cujo significado literal é «crescido ao contrário, para baixo», uma definição jocosa para «anão». É óbvio que tal tradução, no texto corrente, além de ser um tanto desajeitada, perderia muito em eufonia, mas o leitor certamente não ficará no escuro pois acrescentei uma nota-de-rodapé explicativa. Hugh Jansen, em sua resenha da tradução para o inglês do mesmo épico de Dede Korkut compartilha dessa mesma linha de raciocínio quando afirma que se duas personagens fossem denominadas *Woolly Preacher* e *Fleecy Preacher* numa obra originalmente escrita em inglês, tais nomes deveriam ser traduzidos (Jansen 1973). O próprio personagem principal, e que dá nome à obra em si, *Dede Korkut*, desafia tradução. A palavra *dede*, usada até aos dias de hoje em turco moderno

para significar «avô», também era e, em certos contextos sociais, usada para se referir a um velho e sábio líder de uma comunidade, tribo ou clã. Jansen está de acordo com esse fato e nos informa que alhures tal título fora traduzido em inglês como *uncle* «tio», e que talvez não tenha sido uma escolha tão feliz por soar demasiado íntimo, faltando a nuance de respeito à autoridade. Preferi, assim como nas traduções para a maior parte das línguas em que tal obra pode ser encontrada, deixar os dois nomes não traduzidos, porém não sem antes explicar as nuances do título *Dede* no prefácio e hipóteses para a etimologia do nome próprio *Korkut*. O fato de que a tradução para o russo dessa obra traga a tradução equivalente a «O livro do meu avô Korkut» (*Kniga moego deda Korkuta*) indica que as escolhas que os tradutores têm ao se depararem com uma obra diferem de uma língua para a outra, e mesmo em diferentes traduções para a mesma língua, como no caso do já aludido monstro de um olho *Tepegöz* (lit. aquele que tem um olho na testa) não ter sido traduzido na edição de Sümer & Uysal de 1972, mas convertido em *Goggle-eye* na tradução de Geoffrey Lewis de 1974, após ter concluído que *Top-eye* lembraria *Popeye*. A minha escolha foi a de deixar tal nome na sua forma original, com nota-de-rodapé, pois, por razões eufônicas: «Olho-na-testa»? «Olho-na-fronte»? ou mesmo por falta de opções que não fossem compostas (talvez mais eufônicas): «zarolho», que significa que não tem um olho, ou é «cego de um olho», não se encaixaria perfeitamente no conceito expresso pelo original; «caolho», cujo sentido é algo ou alguém que não tem um dos olhos certamente não seria apropriada. A tradução, contudo, de uma forma ou de outra, neste caso, é importante para a compreensão da história como um todo, visto que o leitor (ou ouvinte, originalmente falando) teria pronta compreensão do jogo de palavras, pois no início da história, antes da menção da alcunha *Depegöz*, diz assim: «...*depesinde bir gözi var...*», ou seja, «tinha um único olho em sua testa». Quatro linhas depois ocorre a alcunha *Depegöz*, ou seja, aquela descrição já servira de introdução para o entendimento imediato por parte do ouvinte turco.

Porém, um outro problema encontrado foi a não-transparência de alguns nomes próprios, pelo fato de desconhecermos sua etimologia. Não resta dúvida que todos (ou quase todos) os nomes usados na obra fossem prontamente entendidos pelos falantes/ouvintes da época, porém, como é natural, alguns permanecem com significado duvidoso, o que obviamente impediu-me de traduzi-los. Citemos o exemplo de da personagem *Deli* (ou *Delü*) *Dundar*. Segundo nos informa o turcólogo Semih Tezcan no seu já aludido *Notlar* (p. 138), *Dundar* pode significar 1) retaguarda (< persa *dumdār*, de *dum* «cauda, extremidade» + *dār* «que possui»); 2) trovão (também do persa *tundar/tundur*). Seria difícil ter de escolher entre uma dessas duas opções, primeiro por se tratar de hipóteses e segundo, mesmo que tivesse de escolher uma que se encaixasse no contexto da história, não saberia optar entre «O louco da retaguarda» ou «Trovão louco», pois ambas

seriam possíveis numa época em que os turcos ainda preservavam certos traços xamanísticos, especialmente no nome de pessoas. Uma terceira opção não mencionada por Tezcan é o sentido mais básico da palavra, «caudado», cuja possibilidade também deve ser considerada. Um caso semelhante ocorre na tradução para o inglês do *hikâye* (Başgöz 2008, nota 14) «O romance de Aşık Garip e Şah Senem», no qual um personagem, *Deli Balta* («Machado louco»), é deixado em sua forma original no corpo do texto, com referência à sua tradução em nota-de-rodapé, procedimento este adotado por mim ao deixar o nome *Deli Dundar*, assim como outros, em sua forma original com respectiva nota. É curioso, contudo, que os outros personagens da história não tenham sido traduzidos em nota, com exceção do famoso *Keloğlan* («garoto careca»). *Köroğlu* («filho do cego»), contudo, nome do personagem principal e título do famoso *destan* medieval turco, não fora traduzido. Que critério o tradutor utilizou para não traduzir os outros nomes? Um outro nome, *Akçakız* «Garota branquicenta», que é igualmente fictício como o primeiro, não fora tampouco traduzido.

A questão da eufonia deve ser considerada na tradução de uma obra literária. Em tais casos, mesmo tendo à mão uma interpretação etimológica do nome em questão, deixa-se em sua forma original a fim de evitar o que, embora de forma jocosa mas bem verdadeira, o tradutor Geoffrey L. Lewis denominou a técnica «Lady Precious Stream». Tal técnica, que desafia explicação objetiva, tem origem no *Sprachgefühl* do tradutor, ou seja, no sentimento de que tal palavra soaria bem aos ouvidos de um falante nativo ou não. É por isso que, ele exemplifica, não seria sensato traduzir o nome (fictício) *Abdürrahman Aydemir* para «Escravo-do-Misericordioso Lua-Ferro».

Quanto aos atributos que precedem nomes próprios, com um significado determinável ou não, houve variações. Citemos a adjetivo *kara*, cujo significado mais básico é «negro», mas que também pode haver várias outras conotações de acordo com o contexto, como majestade, grandeza, intensidade, densidade e negativismo (Karadoğan 2004, Bayraktar 2004). Ele é um adjetivo frequentemente utilizado como atributo no nome de personagens no *Livro de Dede Korkut*, tais como *Kara Budak*, *Kara Göne*, *Kara Tekür*, ou mesmo em derivados, como *Karadjuk* ou *Karadja*. Novamente por razões eufônicas, preferi deixar tais nomes inalterados, porém com a devida nota explicativa a respeito de seu significado. Um caso em que traduzi foi o do personagem que ocorre na história do saque da tenda de Salur Kazan, *At Ağızlu Aruz Kodja*, cujas duas primeiras palavras significam «que possui a boca (semelhante à) de um cavalo», resultando em «Aruz Kodja da Boca de Cavalo». A palavra *Kodja*, cujo significado é «velho, ancião», permaneceu não traduzida quando precedida de um nome próprio (como *Uşun Kodja*, *Koñur Kodja*, *Yünlü Kodja*, *Yapağulu Kodja*, entre outros), com a exceção do uso dessa palavra, por exemplo, na história de Depegöz, quando este se refere a *Yünlü* e *Yapağulu*, no vocativo *mere kodjalar*, «ó velhos!» e novamente na

história de Salur Kazan quando se refere aos «os anciãos oguzes de barbas brancas» (*Oğuzun ak saķallu kodjalari...*).

Alguns nomes próprios, contudo, com o passar dos anos, podem ter sofrido alguma alteração fonética na boca dos narradores ou mesmo devido à incompreensão de tal palavra por parte do escriba ou copista. Isso poderia ter sido causado por diversas razões, tais como a origem do copista (talvez não tivesse o turco como língua materna), a palavra tornara-se obsoleta ou mesmo erro de ortografia, algo que era bastante comum na época, especialmente em se tratando da escrita árabe, na qual um ponto a mais ou a menos faz diferir completamente o significado de uma palavra. Tal se deu, por exemplo, com o nome *Şoğan Şaru*. No manuscrito de Dresden a segunda palavra consta como *şaru*, ao passo que no do Vaticano, como *şaru* «amarelo/a». Tal diferenciação, conclui Tezcan, se deve ao fato de o copista ter interpretado a palavra da maneira que ele entendeu, sem dúvida erroneamente. *şar* significava «casca» e que, posteriormente, após mudança fonética, tornou-se *zar*, em turco moderno. Bazin e Gökalp, em nota separada, traduziram-no como *Le blond d'oignon*, ao passo que Geoffrey Lewis, deixando-o também em sua forma original *Soghan Saru*, deixa o leitor às escuras quanto ao seu significado, embora, admissivelmente, sua tradução neste contexto não acrescentasse mais do que suprimir a curiosidade do leitor mais curioso.

Uma outra história que merece destaque é a do Bay Büre, cujo nome significa «pulga, o abastado». *Büre*, que em turco moderno se tornou *pire*, como em outros casos na obra, não é uma mera alcunha sem razão de ser: o ouvinte turco, ao se inteirar do nome do personagem pela boca do narrador, muito provavelmente se perguntaria se haveria alguma relação possível com a personagem em questão e pulga(s). O espectador teria suas expectativas satisfeitas quando ele ouve no meio da história que Delü Kartchar, o irmão da mulher com quem ele queria se casar, Bani Tchitchek, lhe satisfizesse primeiro algumas exigências para que lhe desse sua irmã em casamento, das quais uma delas era arranjar-lhe mil enormes pulgas pretas.

Digno de nota é um caso em que a não tradução constituiu em erro, como no nome *Ķiptchak Melike*, que na tradução francesa de Bazin & Gökalp figura como se fosse um nome próprio, sem alteração, mas não o é, sendo a primeira palavra designativa de um ramo do povo turco, os kiptchak, e a segunda significa «rei» em árabe (< *malik*), resultando em «rei kiptchak». Um outro exemplo que merece nota é o nome do profeta MuĶammad que ao final de cada história vem acompanhado do epíteto *MuĶafâ*, que em árabe, além de ser usado como nome próprio, possui o significado de «escolhido, eleito». A tradução de Bazin & Gökalp, no entanto, não o traduz, possivelmente por tê-lo tratado como o nome próprio *MuĶammad MuĶafâ*, ao passo que o dicionário *An Arabic-English Lexicon*, parte 4, p. 1704 de Edward William Lane, confirma o fato de que tal se trata realmente de um epíteto por vezes justaposto ao nome do profeta fundador do islã.

### 3. Considerações finais

Tratamos neste breve artigo dos problemas com que me deparei na tradução do épico turco *Dede Korkut Oğuznameleri* para o português no tocante aos antropônimos e topônimos. Como pôde ser observado, não se trata de questões simples, que possuem respostas fixas, mas sim um conjunto de conhecimento de língua com algo que permanece sem explicação científica, mas tão importante para os falantes de um idioma, a saber, o *Sprachgefühl* do tradutor, ou o sentimento do seria mais eufônico ou menos na língua alvo. A problemática dos topônimos, por outro lado, não é de menor complexidade, tendo em vista uma obra datada no mínimo do séc. XVI. Alguns topônimos, como *Gökçe Tağ* «Montanha Azulada» que, pelo contexto (ocorre após os seguintes topônimos determinados: *Djızığlar e Ağlağan*), sabemos que se trata de um local específico, daí o uso de iniciais maiúsculas, mas que permanece com sua localização indeterminada. Foi o meu propósito, com este estudo, ter levado o leitor a refletir sobre um assunto que, embora pareça não ser dotado de muita significância, pode subtrair elementos que são devidos em uma tradução.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RINCHIDORJI. 2001. «Mongolian-Turkic epics: Typological formation and development», en *Oral Tradition*, 16/2, 2001, p. 381.
- PAKSOY, H.B. 1995. «Dastan genre in Central Asia» En: *Modern Encyclopedia of Religions in Russia and Soviet Unio.*, Academic International Press, vol. VI, 1995, pp. 222-231.
- ROSSI, Ettore. 1952. *Il «Kitāb-i Dede Qorqut»: Racconti epico cavallereschi dei turchi oğuz tradotti e annotati con «facsimile»*. Città del Vaticano: Biblioteca apostolica vaticana.
- DUMAN, D. 2004. «A characterization of Turkish personal name inventory», en *International Journal of the Sociology of Language*, 165, 2004.
- JANSEN, Hugh Wm. 1973. «Review of the Book of Dede Korkut: a Turkish Epic by Faruk Sümer; Ahmet E. Uysal; Warren Walker», en *The Journal of American Folklore*, Vol. 86, No. 342. (Oct. – Dec., 1973), p. 394-5.
- BAŞGÖZ, İlhan. 2008. *Hikāye: Turkish folk romance as performance art*. Bloomington: Indiana University.
- KARADOĞAN, Ahmet. 2004. «Türk ad biliminde renk kültü», en *Millî Folklor*, yıl 16, sayı 62, 2004, pp.92-93.
- BAYRAKTAR, Nesrin. 2004. «Kara ve Siyah Renk Adlarının Türkçedeki Kavram ve Anlam Boyutu Üzerine», en *Tömer Dil Dergisi*, Sayı 126, Ekim-Kasım-Aralık 2004, pp. 57-73